

POVOA, João Cancio. O Guarani abre a lírica.  
São Paulo, 13 set. 1970.

O Estado de São Paulo,

Biblioteca Centro de Memoria - Unicamp



CMUHE010058

## “O Guarani” O Estado 13.9.70 abre a Lírica

JOÃO CÂNCIO PÓVOA

Em artigo publicado há algumas semanas informamos que, por iniciativa exclusiva do empresário Alfredo Gagliotti — a Municipalidade nada tem a ver com o caso — a opera “O Guarani”, de Carlos Gomes, seria levada na Temporada Lírica do corrente ano em Nápoles, com artistas brasileiros, em comemoração ao centenário da sua 1.ª representação no La Scala, de Milão (10 de março de 1870) e retribuindo a visita que nos fez o San Carlos, com tanto brilho, em 1969. Contrariamente ao que alguns informaram, a iniciativa continua de pé e o público napolitano já aguarda com especial interesse a “novidade” que se anuncia. Desnecessário será voltar a encarecer a importância artística do acontecimento, já que será a 1.ª vez que um teatro de opera sul-americano visitará a Itália.

Isto posto, compreende-se que para o desenho dos cenários e guarda-roupa Giaccheri tenha-se adstrito ao convencional. Na Itália, as poucas tentativas de “modernização” da opera feita por gente de cinema, foram totalmente frustradas e repudiadas pelo público e pela crítica: uma “La Traviata” no La Scala, em que o celebre regente e a protagonista foram obrigadas a fugir no final do 1.º ato...; uma ridícula “Carmen” em Florença, de superminissala e maquina fotografica a tiracolo; um hiper-“despojado” “Il Travatore”, em Roma, tendo como cenário unico uma “carpete” quadriculada no chão e nas paredes...

A montagem deste “O Guarani” foi a melhor que já vimos, no Rio de Janeiro ou em São Paulo, cuidadosa e autentica nos mínimos detalhes e rigorosamente de acordo com a época, o que, para alguns poucos, é hoje im-

perdoavel crime.

Bruno Nofri, o regista da Opera de Roma que tem levado o concurso do seu largo tirocinio ás temporadas dos Estados Unidos, Japão, Australia e de quase todas as grandes capitais europeias, teve o bom senso de respeitar o libreto de Scalvini, calçado no nosso José de Alencar. É possível que alguns registas “prafrentex”, se me permitem o odioso termo, houvessem transformado a Cecy numa prostituta cheia de solidão, viciada em LSD, naturalmente, e Pery num sequestrador de aviões, como já fazem com Hamlet, Macbeth, Elektra, Medea, etc. Bruno Nofri, porém, conhece teatro de opera e conhece bem sua terra natal, onde este “O Guarani” será levado em breve. Dentro das limitações técnicas no nosso teatro, o inteligente regista conseguiu excelente realização, dando, mais uma vez, prova cabal da sua indiscutível competencia. Opera é, sem duvida, um espetáculo “quadrado” e que não pode ter a mais leve pretensão de agradar ao mesmo publico de “Hair” ou “Oh, Calcutta”... Allás, quando Wagner compôs a sua monumental Tetralogia, Verdi a sua magnifica trilogia final “Aida”, “Otello”, “Falstaff” o nosso Carlos Gomes “O Guarani”, não pensaram um instante sequer em vir a agradar, um seculo depois, a uns poucos compositores de “musica de vanguarda” (que falam durante o espetáculo...) e nem a agradar, talvez decorridos dois seculos, a alguns eventuais visitantes marcianos a este nosso atormentado planeta...

Coube ao maestro Armando Bardini, um dos maiores batalhadores pelo nosso teatro de opera, e que conhece a fundo o seu “metier”, a regencia da orquestra do Municipal, tendo recebido justos e veementes aplausos desde a celebre profonia.

Para compor o quadro de interpretes, foram reunidos os melhores cantores nacionais (ou estrangeiros aqui radicados) da atualidade, tendo até os pequenos papéis vozes de qualidade a defendê-los. Sergio Albertini foi o protagonista, mais cantor, mais ator, conquanto já sem aquela voz possante dos primeiros tempos; Niza de Castro Tank foi a Cecy delicada, exemplo de afina-

ção e musicalidade. Aplaudissima na sua primorosa interpretação da balada “C’era una volta un principe”. O baritono Costanzo Mascitti desincumbiu-se com agrado do aventureiro Gonzales, mercê de sua bela e vibrante voz, malgrado por vezes empanada por insidioso pigarro, legado que aos cantores prodigaliza o proibidissimo cigarrinho... No fidalgo Don Antonio o baixo Wilson Carraro houve-se a contento vocalmente, demonstrando ainda não completo dominio da cena. Auspiciosa estréia fez o baixo Benedito Silva, nas vestes do Cacique Aimoré, merecendo entusiasticas palmas ao terminar a Invocação “O Dio degli Almoré”. Os demais foram Benito Marasca (um ótimo Don Alvaro), cuja humildade artistica é digna de elogios e deve servir de exemplo, Assadur Kluitizian (Ruy Bento), Andrea Ramus (excelente no Alonso), e Cecilio Ebide (Pedro).

Os coros portaram-se bem, graças aos repetidos ensaios a que foram submetidos pelo maestro Mechetti, e o Corpo de Baile continua em fase de nitida recuperação sob a eficiencia orientação de Johnny Franklyn e Lia Marques. Sem nada de excepcional, porém, atraente a dança indigena do 3.º ato, salientando-se o “Ballet Infantil Vitoria Regia”, de Campinas.

Como se depreende do acima exposto, graças ao esforço do sr. Gagliotti viu-se na estréia da Temporada Lírica paulistana de 1970 a melhor montagem de “O Guarani” já realizada no Brasil, e que nos proporcionou satisfação artistica incomparavelmente superior a uma deploravel “La Traviata” e a uma risivel “Butterfly” que vimos não há muito, respectivamente na Grande Opera e na Opera Comica... de Paris... perdoe-nos a senhora francesa tão pouco tolerante com o nosso Municipal. A unica coisa verdadeiramente boa nos dois citados espetaculos foi, nos também longos intervalos, o incomparavel champagne francês...

Quarta-feira proxima, a 2.ª recita de assinatura reunirá Mieta Sighele, tida como uma das melhores Cio-Cio-San da atualidade, e o nosso já conhecido Ruggero Bondino, o elegante artista ator-cantor que conquistou S. Paulo, em “Madame Butterfly” de Puccini.